

Álvaro de Campos

## **Houve um dia em que Caeiro me disse uma coisa mais que espantosa.**

Houve um dia em que Caeiro me disse uma coisa mais que espantosa. Falávamos, ou, antes, falava eu, da imortalidade da alma, e achava que esse conceito era necessário, ainda que fosse falso, para se poder suportar intelectualmente a existência, e ver nela mais que um amontoado de pedras com mais ou menos consciência.

— Não sei o que é ser necessário, disse Caeiro.

Respondi sem responder. — Diga-me uma coisa. O Caeiro o que é para si mesmo?

— O que sou para mim mesmo? repetiu Caeiro. — Sou uma sensação minha.

Nunca esqueci o choque da frase contra a minha alma. Ela presta-se a muita coisa, inclusive a coisas contrárias à intenção de Caeiro. Mas, enfim, foi espontânea, foi uma réstia de sol, iluminando sem intenção nenhuma.

s. d.

**Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa** . Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990: 377.

«Notas para a recordação do meu mestre Caeiro»